

VOCABULÁRIO DE HISTÓRIA MEDIEVAL*

CELSO TAVEIRA**

INTRODUÇÃO



extrema riqueza da terminologia correspondente ao período medieval oferece um campo vasto e instigante de pesquisa, uma vez que nenhum setor do conhecimento parece lhe escapar. Consultando obras de História Medieval desde a década de vinte, com a publicação de *O Outono da Idade Média* de Johan Huizinga, passando por *Maomé e Carlos Magno* de Henri Pirenne e *A Sociedade Feudal*, de Marc Bloch, e chegando aos dias atuais, por enquanto apenas com Georges Duby, pudemos constatar uma quantidade crescente de termos em, ou originários de línguas tão variadas quanto o latim, inglês, francês, alemão e até mesmo russo, sendo que, na maioria das vezes, os autores não se detêm num estudo ou numa explicação dos mesmos. Tal fato inevitavelmente implica dificuldades frequentes para o estudante, o professor e o pesquisador, no que diz respeito a uma interpretação objetiva dos textos e conduz a um emaranhado de erudição aparentemente sem vida.

Não condenemos os autores, pois a elucidação de cada termo certamente conduziria a uma duplicação do volume da publicação, cabendo aí a questão do interesse da editora. Mas registremos uma dificuldade suplementar relativa às traduções, que muitas vezes se tornam confusas ou enganosas, alterando fortemente o sentido de uma frase ou até mesmo a forma de um termo técnico, conforme teremos a oportunidade de registrar.

Um dos aspectos que realçam a importância e atualidade do estudo do período medieval diz respeito precisamente ao fato de que lidamos o

* Comunicação apresentada na III Semana de Estudos Medievais, Brasília 1996.

** Professor do Departamento de História da Universidade de Ouro Preto, Minas Gerais.

tempo todo com o fenômeno da linguagem, seja ela escrita ou imagética. Assim, à riqueza iconográfica e iconológica da imagem pintada ou esculpida, corresponde uma extraordinária riqueza conceitual dos termos contidos nas fontes e que os historiadores exumam e interpretam. Este manancial imenso implica, pois, a necessidade de nele mergulharmos, se quisermos descobrir o coração e a pulsação da vida medieval, de seus personagens, suas instituições, crenças, costumes e conhecimentos.

Em última análise e no âmbito do conhecimento no seu sentido mais amplo, a palavra constitui a matéria-prima com a qual se depara o estudioso, cabendo a este a difícil, e por isso mesmo fascinante, tarefa de estabelecer ou recuperar a relação profunda entre linguagem e existência, entre documento escrito e realidade histórica.

Nesta comunicação, pretendemos apresentar algumas reflexões advindas de nosso trabalho, em sala de aula e fora dela, com o livro *O Ano Mil* de Georges Duby¹. Encontramo-nos em fase final de elaboração de um glossário, através do qual pretendemos ampliar, na medida do possível e com a necessária cautela, o universo conceitual, de teor religioso, cultural ou científico, do período estudado por Duby, que são as últimas décadas do século X e século XI.

Para tal escolhemos, por um lado, o termo “milenarismo”, com o objetivo de refletirmos um pouco acerca de aspectos relevantes ligados às relações entre judaísmo e cristianismo na Idade Média; por outro, optamos por apresentar algumas considerações acerca deste personagem exponencial na passagem do século X ao XI que é Gerberto de Aurillac, o papa do Ano Mil, destacado intelectual, ousaríamos dizer, cientista e professor, bem como hábil político, admirado pelo imperador Otton III e que nos propicia amplo campo de estudo acerca das relações entre ciência e religião na Idade Média.

MILENARISMO

Nossas preocupações devem naturalmente dirigir-se para este fenômeno tão importante nas épocas medieval, moderna e contemporânea. Pela amplitude de suas implicações sociais, políticas e culturais, manifes-

tamos alguma estranheza quanto à sua não inclusão entre os cinquenta verbetes que compõem o *Dicionário de História Medieval* de Pierre Bonnassié. Salientemos, no entanto, que o assunto aí surge com frequência, ainda que de forma indireta. Assim, no verbete “dualismo”, em que os mundos terreno e cósmico aparecem ligados a uma batalha gigantesca entre o Bem e o Mal; no verbete “heresia”, em que um crescente descontentamento popular é posto em convergência com uma tendência de oposição intelectual aos suportes da Igreja; no verbete “jacquerie”, no qual, ao lado do movimento que recebeu esta denominação, encontramos menções de insurreições camponesas mal conhecidas dos séculos XI e XII, contrárias à generalização do feudalismo nos campos da Europa, bem como menções às insurreições messiânicas do final da Idade Média, tal como a revolução tcheca de 1420-1452; no verbete “piedade”, em que, a partir de um forte movimento desta natureza no século XII, são registrados seus desdobramentos posteriores: reformas, cruzadas, heresias, franciscanismo; finalmente no verbete “sobrenatural”, diretamente ligado ao estudo de Duby e no qual se destaca o papel social do culto aos santos confessores ou aos santos mártires e suas relíquias e onde os fenômenos naturais, sejam climáticos ou astronômicos, são vistos como advertências divinas.

Podemos observar que, por si só, estes vários aspectos já ilustram a fecundidade do tema. O milenarismo nos fornece uma via fascinante de mergulho, tanto em direção ao futuro quanto ao passado. Recuando no tempo, encontramos a tradição cristã fortemente atada ao passado judaico do tempo dos profetas e também a tradições pagãs do mazdeísmo persa, dos oráculos e das sibilas dos gregos e romanos. Sabemos da tradição sibilina apreendida pela igreja medieval espanhola, através do chamado *Cant de la Sibilla* executado nas matinas de Natal, bem documentado relativamente à Catalunha e ainda hoje representado em Palma de Mallorca. Preferimos, no entanto, enfatizar os vínculos com a tradição judaica, uma vez que, a nosso ver, o livro de Duby constitui-se, entre outras coisas, numa amostra interessante da permanência de fortes elementos hebraicos na sociedade e na religiosidade da época, fato que nos propicia a ocasião de refletirmos acerca desta característica tipicamente medieval de confluência de diversas culturas. Neste caso específico, constatamos,

num plano mais restrito, um aspecto destas interpenetrações e diferenciações que tanto marcam as relações entre Oriente e Ocidente ao longo de séculos de história. Nesta perspectiva, a tradição do milenarismo que se cristaliza lentamente no Ocidente perpetua a tradição judaica das profecias escatológicas do fim dos tempos, num mesmo momento em que os judeus são vítimas de massacres, pois a eles são atribuídos os males que afligem o mundo. São diferentes aspectos da ruptura original entre judaísmo e cristianismo.

Não podemos deixar de destacar aqui a importância que teve o livro do Apocalipse de João na Alta Idade Média, propiciando a confecção de magníficos manuscritos iluminados na Espanha moçárabe a partir do século VIII, tal como o *Comentário do Apocalipse* do Beato de Liebana, composto nas Astúrias no último terço do século VIII e arquétipo de vários outros compostos em épocas posteriores, ou aqueles feitos nos *scriptoria* dos mosteiros franceses (*Apocalipse de Saint-Sever*) ou germânicos da era otoniana.

Trata-se aqui de um dos inúmeros desdobramentos do fenômeno extremamente complexo da apreensão do universo religioso judaico pelas comunidades cristãs orientais (Egito, Síria etc.) dos primeiros séculos. Este universo de certa forma foi mitigado pelos doutores da Igreja no século IV no que se refere ao fim do mundo, mas através da visão agostiniana do milênio, extirpada do clima de transe que marcou as referidas comunidades primitivas, permaneceu vivo no pensamento religioso da Alta Idade Média e teve repercussões marcantes a partir do século XIII.

Permanências nos planos espiritual e cultural, ruptura muitas vezes radical no plano social, através da segregação e das freqüentes perseguições aos judeus. Referindo-se a elas, Duby afirma o seguinte: "Pelos proçoms, a cristandade acredita libertar-se de um fermento de corrupção: não vê logo em seguida os ritmos do universo voltarem à sua ordem?"²². O comentário do autor refere-se a um trecho das *Histórias* de Raoul Glaber que menciona judeus decapitados em Roma por terem sido denunciados por blasfemarem numa sinagoga contra a imagem de Cristo no crucifixo. Duas considerações se nos impõem: a primeira, o fato de que na edição portuguesa o termo "pogrom", que designa estes massa-

VOCABULÁRIO DE HISTÓRIA MEDIEVAL

eres, aparece sob a forma equivocada de “progrom”, acreditamos que devido a um erro de impressão. O termo existe em Yiddish (forma judeo-alemã da língua hebraica), derivado do russo, num composto de po, “como”, “conforme” e grom, “trovão” ou “má intenção”. A segunda, o fato de que, em seu sentido próprio, “pogrom” aplica-se aos massacres de judeus ocorridos na Rússia czarista, marcadamente entre 1881 e o período contra-revolucionário compreendido entre 1917 e 1921. A rigor, o que podemos inferir é que Duby utiliza o termo de maneira informal, fora de seu contexto específico, pois não encontramos nenhuma menção de seu uso na Idade Média. O fato ilustra o quão delicado se torna o uso da terminologia histórica e, neste caso, uma nota explicativa se tornaria indispensável.

GERBERTO DE AURILLAC

Renovatio imperii Romanorum. Esta inscrição figurava nos selos do imperador Otton III, numa alusão explícita à política grandiosa deste imperador do Ano Mil, que queria unir a Germânia à Itália e tinha por modelos Carlos Magno e o velho império romano cristão. Tal união se tornou aparentemente auspiciosa quando, no ano de 999, após sufocar uma revolta em Roma, Otton III nomeou como papa seu instrutor em filosofia e amigo pessoal, Gerberto de Aurillac, o qual, igualmente fiel à sua formação filosófica e aos seus ideais, adotou o nome de Silvestre II. Por tal ato, Gerberto acreditava renovar uma outra união anterior, aquela entre o papa Silvestre I (c. 314-335) e o imperador Constantino, o Grande.

A íntima fusão entre a formação humanística e as concepções políticas nestes dois personagens centrais do Ano Mil é reveladora. Em sua longa minoridade, dos 3 aos 14 anos, Otton fora educado pela princesa bizantina Teófano, viúva de Otton II, a qual, agindo como verdadeira imperatriz sobre a Itália, acabou por provocar no jovem imperador uma profunda admiração por aquele país. Gerberto, por sua vez, possuía sólida formação nas artes liberais, para o que teve que realizar longas viagens pela Espanha, Gália e Itália, tornando-se também profundo admira-

dor da cultura latina. Ao mesmo tempo, revelava-se exímio político, tendo tido participação importante nas articulações que conduziram à coroação de Hugo Capeto como rei da França em 987, fato que eliminou de vez da política européia a dinastia carolíngia. Temos, portanto, nestes dois personagens, a mesma admiração pelo legado antigo e o mesmo sonho grandioso de “Renovação do império dos Romanos”. Sonho de realização efêmera, devido à morte prematura de Otton III, aos vinte e um anos, em fevereiro de 1002 e a de Gerberto em dezembro de 1003.

Temos em Gerberto uma dupla personalidade histórica: a de político e a de intelectual, sendo esta a que mais nos interessa neste momento. Educado no mosteiro aquitano de São Géraud, em Aurillac, onde adquiriu conhecimentos de Gramática, isto é, latim, tornou-se monge em Cluny, na Espanha mulçumana, mais precisamente na avançada Catalunha, onde adquiriu conhecimentos no *quadrivium* através das matemáticas, especialmente em Música e Astronomia. Sua fama o levou a tornar-se conhecido e protegido do imperador Otton I, por intervenção do papa João XIII. No *trivium* estudou Retórica e Dialética na escola catedralícia de Reims tornando-se *Scholasticus*, ou seja, mestre. Passou então a dirigir esta escola, atraindo alunos importantes como o futuro rei Roberto, o Piedoso, o rei do Ano Mil, e Richer, o futuro historiador que transmitirá ‘a posteridade seus métodos de trabalho, tal como encontramos em alguns trechos no livro de Duby. Tornou-se abade de Bobbio, no Norte da Itália, depois arcebispo de Reims e em seguida de Ravena, em 998, um ano antes de subir ao trono pontifício. Ao longo de tão brilhante carreira, Gerberto esforçou-se singularmente nos estudos, seja deslocando-se para onde podia encontrar um mestre a quem se ligar, seja através de uma copiosa correspondência. Richer nos informa acerca de seus métodos de ensino no *trivium* e no *quadrivium*, bem como acerca do papel que desempenhava em seus métodos didáticos a leitura dos autores antigos. Por suas cartas, perceberemos o zelo com que procurava manuscritos de autores antigos, tal como encontramos neste trecho destacado por Duby (p. 50), de uma enviada a Rainard, monge de Bobbio:

Sabes com que ardor procuro por toda a parte livros; sabes também quantos copistas se encontram nas cidades e nos campos da Itália. Mete portanto

VOCABULÁRIO DE HISTÓRIA MEDIEVAL

mãos à obra e, sem o dizer a ninguém, faz-me copiar à tua custa, M. Manilius, Da Astrologia, Victorinus, Da Retórica, Demóstenes, Oftálmico. Prometo-te guardar um silêncio muito inviolável sobre o teu serviço e sobre a tua louvável cortesia, e comprometo-me a enviar-te generosamente o que gatares, quanto e quando quiserdes (...).

Este M. Manilius é talvez Marcus Manilius, poeta latino do século I. d. C, contemporâneo de Augusto e Tibério e autor do poema "Astronomia", em 5 livros. Vitorino fez uma tradução de Isagogé, isto é "Introduções", de Porfírio, acerca da qual Boécio (480-525) fez comentários. Infelizmente nada pudemos localizar ainda acerca deste "Oftálmico" e seu autor Demóstenes.

Gerberto conhecia também as *Categorias* de Aristóteles e os *Tópicos* de Cícero, que utilizava na Dialética, e incentivava seus alunos na leitura de vários autores antigos: Virgílio, Estácio, Terêncio, Juvenal, Horácio, Pércio e Lucano. O artigo sobre Silvestre II na *Encyclopedia Britannica* chama a atenção para o fato notável de que em momento algum nos seus escritos, Gerberto menciona autores cristãos, visando sempre a obtenção de fragmentos de autores latinos em vias de desaparecimento e registra que talvez tenha sido esta sua maior contribuição para a posteridade, em função do cuidado que dedicou a tais manuscritos, os quais guardava nas bibliotecas de Bobbio e Reims.

No *quadrivium*, seja para ensinar Astronomia, seja para trocar por manuscritos antigos, Gerberto construía elaborados globos das esferas terrestre e celeste, neste último procurando estabelecer o curso dos planetas. Adquiriu dos árabes o conhecimento do ábaco com cifras e algarismos arábicos, que utilizava para ensinar mecanismos aritméticos e talvez geométricos. Teria ainda construído um relógio de sol em Magdeburgo e um órgão em Reims e foi muito admirado pelo imperador Otton I por seus conhecimentos em música.

Dentre todos esses dados riquíssimos para aprofundamentos, dois merecem ser destacados aqui. O primeiro diz respeito à admiração de Gerberto pelos autores pagãos, atitude de um intelectual moderníssimo, capaz de separar com nitidez suas crenças religiosas e políticas de seus interesses nos estudos e no ensino. No trecho da carta ao abade de Bobbio

que reproduzimos acima, é significativo o cuidado por ele tomado, prometendo “silêncio inviolável sobre o teu fiel serviço”. Quer isto dizer que Gerberto temia alguma repreensão por parte das autoridades, sobretudo monásticas, por estar colecionando autores pagãos? Quer isto dizer que Gerberto, embora pesquisador incansável de textos antigos, não desejava ter aborrecimentos em função de seus interesses políticos? É plausível supor que sim, mas o assunto necessita aprofundamentos. Sua própria carreira demonstra oscilações curiosas, ora pouco à vontade como abade de Bobbio, ora mais livre como arcebispo de Reims. Este dado é certamente relevante, levando-se em consideração que as sedes e as escolas episcopais, tão florescentes na época carolíngia, cediam a passos largos a preeminência às escolas monásticas e que o clero secular, concomitantemente, perdia espaços políticos fundamentais para o regular, este último assumindo a vanguarda das reformas do período, a exemplo do que viria a ocorrer no pontificado de Gregório VII (1073-1085), aplicado monge reformador formado em Cluny.

Ora, é facilmente observável, da leitura da segunda parte do livro de Duby, “Os mecanismos mentais”, a distância evidente entre a formação tida pelos alunos de Gerberto e aquela tida pelos monges, fato que torna perfeitamente compreensível os cuidados tidos pelo arcebispo na busca de textos antigos que ainda pudessem escapar ao zelo ascético do clero monástico, avesso às letras profanas. A este respeito, não resistimos em reproduzir aqui apenas uma frase notável das *Histórias* do monge Raoul Glaber, relativa a um certo Vilgard, que ensinava Gramática em Ravena (p. 58): “uma noite, os demônios tomaram a aparência dos poetas Virgílio, Horácio e Juvenal e apareceram-lhe.” Após narrar de que forma tão ilustres demônios aliciaram Vilgard nas letras corruptas, o historiador registra sua condenação, bem como a de seus seguidores, como heréticos “que também sucumbiram pelo ferro ou pelo fogo”.

Virgílio, Horácio e Juvenal, todos lidos por Gerberto, já que este, enquanto um autêntico Gaston Bachelard do século X, admirava o cientista, tanto quanto o poeta. Diante deste quadro, não deixa de ser politicamente significativa a elevação de Gerberto ao pontificado romano com o apoio de Otton III em 999, setenta e quatro anos antes de Hildebrando, monge de Cluny, tornar-se o papa Gregório VII.

O segundo dado que pretendemos registrar e com o qual pretendemos encerrar, certamente faz aumentar ainda mais a distância entre Gerberto e a maioria de seus contemporâneos. Referimo-nos a estas esferas que ele construía. Narrando seus métodos didáticos em *Astronomia*, Richer, seu ex-aluno, afirma que Gerberto representava o mundo através do modelo reduzido de uma esfera redonda e maciça de madeira, a qual inclinava obliquamente em relação a um círculo que representava o horizonte, e colocava, no pólo superior, as constelações setentrionais e, no inferior, as austrais. Com isto, demonstrava as constelações visíveis e as que não o são.

Compreender exatamente o que se passava numa aula como esta é difícil. Os dados fornecidos por Richer são insuficientes ou de difícil interpretação, e lamentamos que Duby não aprofunde nem um pouco a questão. Contentemo-nos aqui em registrar uma indubitável objetividade e concretude por parte do mestre, bem como seu arrojo na demonstração de mecanismos complexos do universo, numa época em que a natureza era vista apenas através de significações simbólicas. Que concepção teria Gerberto do mundo e do universo? A representação circular do mundo é freqüente ao longo da Idade Média, tal como podemos constatar no já mencionado *Comentário do Apocalipse* do Beato, na curiosa *Carta do Mundo* que se encontra na catedral de Burgo de Osma³ de muito difícil leitura, mas onde a terra, em forma circular, aparece circundada pelo oceano e na qual são registradas regiões como a Assíria, Babilônia, Grécia, Gália, África e Líbia. Em nosso caso, o que nos chama a atenção é o fato de Gerberto reproduzir o mundo através de uma “esfera redonda e maciça”.

Se para Isidoro de Sevilha (560-636) a terra possuía a forma de uma roda e estava circundada pelos oceanos, já em Beda, o Venerável (673-735), certamente referenciando Ptolomeu, esta era uma esfera estática dividida em cinco zonas, das quais duas apenas eram habitáveis e somente a do hemisfério norte o era efetivamente. Rodeando a terra, existiam sete céus. O firmamento das estrelas, o quinto desses céus, giraria em torno da terra e, dentro do firmamento, os planetas girariam num sistema de epiciclos envolvendo planetas fictícios e planetas reais. Ao longo da Idade Média, apenas alguns espíritos muito esclarecidos tinham cons-

ciência do problema do globo terrestre e de suas partes. Dada sua sólida formação, torna-se perfeitamente lógica a representação de Gerberto, uma vez que Aristóteles tinha convicção de que a terra era redonda. Numa época que concebia Jerusalém como o centro do mundo e os mapas reproduziam o mundo como *divisio apostolorum*, ou seja, como paróquia dos apóstolos que por ele se espalhavam, ou então dividido entre os filhos de Noé – Kam, Sem e Iaphet – Gerberto se interessava pelos cálculos astronômicos e esteve, sem dúvida, ligado à introdução do astrolábio árabe no Ocidente.

Queremos encerrar estas breves considerações nos perguntando acerca do que poderia se passar na mente do Gerberto papa, uma vez que sua postura intelectual aponta para uma filosofia natural e não teológica, para uma concepção na qual a natureza existe enquanto fenômeno movido por suas próprias leis, explicáveis através do *quadrivium* e não do Gênese.

Notas

¹ Para estas reflexões utilizamos duas obras: DUBY, Georges. *O Ano Mil*. Lisboa/ São Paulo, Edições 70, 1970; *L'An Mil*. Paris: Gallimard, 1980.

² *Idem*, p. 146.

³ Cf. Grodecki et al. *L'An Mil*. Paris: Gallimard, 1973, p. 215, il. 209.

RESUMO: Um dos aspectos que realçam a importância e atualidade do estudo do período medieval diz respeito ao fato de que lidamos o tempo todo com o fenômeno da linguagem, seja ela escrita ou imagética. Assim, à riqueza iconográfica e iconológica da imagem pintada ou esculpida, corresponde uma extraordinária riqueza conceitual dos termos contidos nas fontes e que os historiadores exumam e interpretam. Este manancial imenso implica, pois, na necessidade de nele mergulharmos, se quisermos descobrir o coração e a pulsação da vida medieval, de seus personagens, suas instituições, crenças, costumes e conhecimentos.

[**PALAVRAS-CHAVES:** vocabulário medieval, linguagem, Ano Mil, Georges Duby, Idade Média.]

RÉSUMÉ: Um des aspects qui rehaussent l'importance et l'actualité de l'étude de l'histoire médiévale concerne le phénomène du langage, écrit ou imagé. A la richesse iconographique et iconologique de l'image peinte ou sculptée correspond une extraordinaire richesse conceptuelle des termes existants dans les sources et que les historiens exhument et interprètent. Cet immense répertoire exige une immersion profonde si nous voulons découvrir le coeur et la pulsation de la vie médiévale, de ses personnages, institutions, croyances, moeurs et connaissances.

[**MOTS-CLÉS:** vocabulaire médiévale, Georges Duby, L'An mil, langage, Moyen Âge.]